

Collor tenta aproximação mas Brizola repele

O ex-governador do Rio de Janeiro Leonel Brizola, que concorreu na sucessão presidencial pelo PDT, rechaçou ontem a primeira tentativa de aproximação feita pelo seu principal adversário, Fernando Collor de Mello (PRN), vitorioso no primeiro turno. Um dos principais assessores de Collor, o deputado Renan Calheiros, telefonou para o comitê de Brizola, no segundo andar do prédio onde mora, e pediu para falar com o deputado Noel de Carvalho. Renan quis saber qual seria a reação de Brizola a um telefonema de Collor.

Noel aproveitou a presença de Brizola na reunião da Executiva do partido, que estava sendo realizada na mesma sala de onde falava com Renan, e lhe fez a consulta, ao pé do ouvido. Brizola reagiu agressivamente e mandou um duro recado a Collor: "Diga que se ele me telefonar eu não vou nem atender". Noel transmitiu o recado e a iniciativa de Renan Calheiros parou por aí.

Logo depois desse episódio, Brizola desceu para uma entrevista coletiva e aproveitou para atacar Collor. Perguntaram-lhe se Collor tinha tentado algum contato depois que o Tribunal Superior Eleitoral praticamente deu a vitória no primeiro turno ao PRN e ao PT. Brizola negou o que tinha acontecido exatamente há apenas alguns minutos, dizendo que se isto acontecesse daria um "chega pra lá" em Collor, como de fato acabara de dar. "Ele é bem capaz de tentar isso porque é muito cara dura", disse Brizola.

Somoza — Os ataques prosseguiram. "Achamos essencial derrotar este candidato a Somoza (Anastácio Somoza, ditador da Nicarágua já morto). Será uma desgraça para este país que alguém como ele, com tão pouco escrúpulo no trato com a coisa pública, como demonstrou em Alagoas, seja eleito". Brizola ainda não reconhece publicamente a vitória de Luís Inácio Lula da Silva, do PT, que irá disputar com Collor o segundo turno. Ele insistiu que só aceitará como definitivo o resultado da totalização das atas das juntas eleitorais. Mas disse que se for confirmada a vitória de Lula, provavelmente será feito um acordo entre PT e PDT, em torno de um programa mínimo de governo.

"Nós necessitamos definir um programa mínimo. Espero que o PT facilite esse acordo.



Calheiros busca apoio no PDT

Não precisa que o Lula tire a barba, mas quero saber o que ele pensa sobre os Cieps", disse Brizola. Além dos Cieps, há um problema na definição do acordo entre os dois partidos: o vice de Lula, José Paulo Bisol, duramente atacado por Brizola durante a campanha, por ter comprado terras com financiamento do Banco do Brasil, quando exercia seu mandato de senador. Bisol exige uma retratação pública de Brizola.

Questionado sobre as dificuldades que a manutenção de Bisol na chapa de Lula poderia causar a um entendimento, Brizola disse: "Esperamos que o PT tenha grandeza política para facilitar um entendimento conosco". Brizola descartou desde já a possibilidade de participação do PDT num eventual governo petista. "Podemos cooperar para a formação de um governo sem desempenhar qualquer função ou cargo, de forma independente", disse. Essas questões serão definidas pelo PDT na convenção nacional que realizará no próximo domingo, no Riocentro.